

Nova Teoria da Felicidade

Miguel Real



APRESENTAÇÃO	11
TEORIA	
A felicidade é um problema filosófico	25
Felicidade e outro	28
Felicidade – O outro é o destino de cada um	30
Felicidade e compaixão – I	37
Felicidade e compaixão – II	39
Dialéctica existencial da felicidade	42
1. Da vida simples – <i>Aurea mediocritas</i>	42
2. Da vida realizada – Criação	44
3. Da vida feliz – Serenidade racional	50
Hierarquia entre os três estádios de felicidade	55
Felicidade e sentido de vida – I	58
Felicidade e utilitarismo: uma revolução filosófica	66
Novo conceito de felicidade	73
Prestígio – a figuração actual de felicidade	81
Felicidade e sentido de vida – II	85
Felicidade e euforia	90
Felicidade e ilusão	92
Felicidade, prestígio e ilusão	95
APLICAÇÕES ÉTICAS	
Felicidade, <i>eudaimonia</i>, <i>beatitudo</i>, <i>felicitas</i> e sorte	101
Felicidade e identidade pessoal	105

Felicidade e coerência de vida	108
Felicidade e bem	110
Felicidade e saber – <i>Fronesis</i> aristotélica	114
Felicidade e ataraxia	117
Felicidade e poder	119
Felicidade e desejo	120
Felicidade e necessidades	122
Felicidade: três elementos constituintes	124
Felicidade e absoluto	126
A «Fórmula da Felicidade» – I	127
A «Fórmula da Felicidade» – II	130
Felicidade e auto-estima	134
Felicidade e Peter Pan	135
Felicidade, saudade e tempo	141
Felicidade, amor e amizade	142
Felicidade e prazer	146
Felicidade e eutanásia	149
Felicidade e natureza	153
Felicidade e seres sencientes	161
Felicidade e paz	162
Aqueles que nunca serão felizes	163
Aqueles que sempre serão felizes	165
COMENTÁRIO A «CARTA SOBRE A FORTUNA», DE MATIAS AIRES	167
ÍNDICE ONOMÁSTICO	181

TEORIA

A FELICIDADE É UM PROBLEMA FILOSÓFICO

1. A felicidade é um valor racional que se fundamenta em sentimentos de ordem e equilíbrio e em vivências harmónicas de carácter psíquico e social. Não em estados eufóricos e jubilosos momentâneos.

2. Só uma teoria filosófica pode responder à questão de saber o que é a felicidade, ou seja, apenas uma teoria argumentativa coerente e coesa, de carácter universal, vinculando todos os homens e todas as sociedades, pode dar conta de saber o que é a felicidade, não para este ou aquele, para esta ou aquela organização social, mas para a totalidade da humanidade.

3. Não para este ou aquele tempo, mas para o todo evolutivo da humanidade. Do mesmo modo, só a filosofia se encontra capacitada – pela própria natureza dos seus estudos e pelo seu alcance universal, reflec-

tor ao homem de todos os tempos, isto é, da humanidade – a integrar este conceito numa visão universal do homem. Uma ética humana, racional, não religiosa.

4. A felicidade é, assim, um problema filosófico, não de sociologia ou economia, ciências que teorizam aspectos parcelares da actividade humana, muito menos de ciência política, que teoriza os modos de organização do Estado com o objectivo de evitar um maior mal no seio da sociedade, e não a forma de generalização da felicidade entre os cidadãos.

5. A felicidade não é também um conceito da psicologia. A psicologia tem como objecto de estudo o comportamento, a mente e a personalidade individuais. A felicidade é um sentimento universal e complexo, que supera a experiência individual e conjuntural e se eleva a um estatuto de universalidade antropológica.

6. A psicologia responde à questão sobre a felicidade a partir da situação de ciência concreta, limitada ao tempo e aos estudos do psicólogo e ao espaço da pesquisa científica – ambos condicionados pelo actual modo de pensar individualista e hedonista.

7. A psicologia evidencia o que o homem é empiricamente falando, como age e reage a estímulos, como se comporta face a obstáculos e se organiza individual

e socialmente tendo em conta as suas necessidades e desejos e as instituições sociais em que se integra.

8. A felicidade, mais do que um desejo, uma motivação, como limitadamente a explica a psicologia, é um valor racional, uma aspiração ideal, sentimento e racionalidade complexos, cruzamento de inúmeros estímulos, emoções, desejos, necessidades, atravessando simultaneamente todos os conceitos da psicologia e desta transbordando para a filosofia, único estudo que possui a cultura do passado e a visão geral para a definir como conceito central da ética. Neste sentido, para além dos estudos feitos pela psicologia (inquéritos circunstanciais sobre o que um número limitado de indivíduos, focalizados num tempo e num espaço particulares, pensa ser a felicidade), a felicidade estabelece o sentido último unificante de todos os estudos de psicologia, a todos enlaçando de um modo substancial, isto é, filosófico.

9. A felicidade é, assim, um conceito central da Ética, porventura superior, já que estabelece e orienta a prática do Bem. Deste modo, enquanto conceito supremo da vida ética, todos os outros se lhe submetem: o amor-próprio, o dever moral, o bem quotidiano, a liberdade, a justiça, a forma ética de vida...

10. Neste sentido, a felicidade consiste no estado racional e sentimental superior da existência, reitor último e causa primeira dos comportamentos avulsos. Todos os nossos passos se orientam para a aquisição do estado de felicidade e dela só desistimos quando, por experiência quotidiana, constatamos não haver possibilidade de a conquistarmos ou atingirmos.

FELICIDADE E OUTRO

1. Porque ética e ontologicamente social, não existe felicidade sem a participação activa do outro.

2. O outro não é o inferno (Jean-Paul Sartre), mas a razão necessária da existência da felicidade pessoal.

3. O outro não é o paraíso (atitude evangélica, religiosa, salvífica). O outro é um outro eu, com tantos limites e possibilidades quanto o eu pessoal.

4. O outro é o Outro – uma realidade ontológica e social radicalmente distinta do eu, mas com o mesmo estatuto ontológico do eu pessoal.

5. O ponto quatro não exprime uma tautologia.

6. Devido à construção da identidade pessoal, existe uma natural tendência para que o outro seja estatuído como expressão do Nós, isto é, como expressão de um laço substancial comum entre o eu e o outro.

7. Neste sentido, por natural condição da consciência, existe tendência a valorizar-se o que no outro existe de comum com o eu ou o que no eu se identifica com o outro.

8. Não é possível a existência de um sentimento de felicidade sem a aceitação do que no outro existe de Outro.

9. Ser o outro Outro significa que não se tenta dominá-lo, possuí-lo, manipulá-lo, convertê-lo a teses próprias ou modos de existência pessoal. Significa, portanto, aceitar o outro como Outro.

10. Neste sentido, a única relação ética conducente à felicidade existente entre dois sujeitos de acção só pode firmar-se na Liberdade. Outra situação que não a da liberdade significa sempre a manipulação do outro, negando-lhe a possibilidade de ser verdadeiramente Outro.

FELICIDADE – O OUTRO É O DESTINO DE CADA UM

1. Na segunda metade do século xx, assistiu-se a uma crescente tentativa de furtrar à filosofia o tema da felicidade. Verdadeiramente, a filosofia não merecia outra coisa.

2. Tratada habitualmente no seio dos estudos éticos, a felicidade não tem merecido mais do que dois ou três longos parágrafos definidores, mais conclusivos do que argumentativos, relacionando-a e determinando-a a partir da prática virtuosa do bem ou da sensação gozosa de prazer.

3. Tem permanecido assim dilemática a definição de felicidade, repartida entre um bem espiritual, de vínculo religioso, e um bem material, amiúde identificado com o prazer.

4. Em termos de argumento filosófico, é quantitativamente pouco e qualitativamente fraco, reflectindo nas suas elucubrações a eterna premissa do homem ocidental dividido entre espírito e matéria, sensibilidade e razão, como se o mundo se esgotasse necessariamente entre dois horizontes de acção e inteligibilidade.

5. Se, enquanto sabedoria, como Bertrand Russell intuiu e demonstrou, a filosofia se podia vincular ao pensamento das grandes massas urbanas no século XX, seria através do esclarecimento do conceito de felicidade, uma espécie de iluminação sobre os previsíveis sentidos de vida que os filósofos prestariam ao senso comum populacional, esclarecendo-lhe os caminhos por que este poderia atingir o estado de harmonia espiritual e serenidade racional próprio da felicidade. Com exceção dos utilitaristas ingleses e dos pragmatistas norte-americanos, não o fez senão em forma de religião, isto é, de preceitos religiosos ou místicos que, menos explicados e mais impostos, abandonavam a razão a um vazio inquietante, de que não sabia escapar.

6. No século XX, criado um vazio conceptual em torno do conceito de felicidade, este, seguindo a tendência cultural geral da época, resvalou do pragmatismo americano e do empirismo inglês, concepções filosóficas fortíssimas e sólidas, para o campo da psicologia, ciência então emergente sob a égide de William James e de John B. Watson, prosseguida por Skinner. Contra o virtuosismo moral do primitivo puritanismo americano, a prosperidade da nação e das famílias sedimentava a suspeita mental de ser a felicidade constituída por três braços: a *riqueza*, antes de mais; o *poder*, nascido da riqueza; e a *glória* (ou fama), conseqüente

dos dois anteriores. Cada um por si, cruzados aos pares, ou os três em conjunto, evidenciavam-se como as três colunas sociais suporte do «sucesso», identificado este com a felicidade, em geral definida como máximo sentimento de bem-estar.

7. Desde então, meados do século xx, é justamente este o sentido essencial que alimenta os milhões de livros de auto-ajuda publicados sobre os modos de se atingir o «sucesso», identificando-se este com grandes quantidades de dinheiro, de poder ou de fama, ou seja, de felicidade.

8. Outra vertente analítica, filha de um tempo superiormente materialista, positivista e tecnocrata, corresponde a uma cientificação da felicidade. Neste sentido, alguns estudos biológicos intentam descobrir o «gene da felicidade», recalcando ser o sentimento de felicidade um longo processo existencial, de natureza cultural, com itinerário definido (*cf.* «Dialéctica existencial da felicidade», p. 42).

9. Outros estudos, de natureza antropológica, radicam a busca de felicidade na consumação do primitivo instinto de caça (Desmond Morris), que hoje, socialmente recalcado ou excluído, teria criado uma espécie de insatisfação ontológica permanente na consciência, compensada por uma incessante busca de avatares

(desporto, dedicação obstinada ao trabalho, turismo, exotismo de trajes e hábitos...). Neste sentido, a antropologia explicaria a origem da emergência universal da necessidade de ser feliz, mas não o conteúdo da felicidade.

10. Os estudos médicos e químicos, tentando solucionar o crescente aumento de depressões psíquicas emergido na vivência urbana do século xx, descobriu um conjunto de fármacos que, funcionando como aditivos na criação de uma «felicidade artificial» (Ronald W. Dworkin), mantêm a consciência em estado de despreocupação, tranquilidade e, até, de gozoso bem-estar. Igualmente, os estudos psicológicos apropriaram-se do conceito filosófico de felicidade, confundindo esta com satisfação de necessidades e/ou realização de desejos (Maslow), reduzindo o homem a um corpo-máquina pulsante.

11. O supremo equívoco da visão científica da felicidade reside, justamente, na identificação deste sentimento com os estados de euforia (*cf.* «Felicidade e euforia», p. 90), tão vibrantes e deleitosos quanto efêmeros. Sem dúvida, estes estados contribuem, enquanto momentos ou etapas de um processo, para a consolidação do sentimento de felicidade na consciência, mas não se identificam com a felicidade.

12. Contra a cientificação do sentimento de felicidade, o estudo das novas éticas ambientais e da ética da responsabilidade de Hans Jonas sugere uma profundíssima alteração de critério hermenêutico relativa à teoria da felicidade: os critérios devem assentar menos na prática virtuosa do bem (clássica figuração conceptual da felicidade, de matriz religiosa), menos ainda na prática gozosa do eu (a notoriedade pessoal, a supremacia individual, a influência social – actual figuração do sentimento de felicidade) e mais na acomodação ao outro, isto é, o outro deve estabelecer-se, hoje, princípios do século XXI, como o princípio primeiro e a causa última da totalidade dos valores que conduzem à irrupção da felicidade na consciência.

13. Num mundo varrido pelo neoliberalismo, pela decadência das antigas potências políticas e a emergência de novas, arrasado pelo esgotamento dos recursos naturais, pela diferenciabilidade social pavorosa entre ricos e pobres; um mundo criado segundo os padrões de produção, conforto e consumo das décadas americanas de 1950 e 60; um mundo em plena mutação de valores, descristianizando a totalidade da Europa, mas igualmente repleto de poderosas virtualidades científicas e técnicas, que, em breve, alterarão a vivência humana sobre a terra, o outro deve estatuir-se como o destino de cada um.

14. Numa sociedade profundamente dominada tanto pelo culto idólatra do eu (o individualismo, o hedonismo, o narcisismo...) quanto pela decadência dos valores clássicos (o positivismo, o materialismo, o cientifismo, o relativismo, o consumismo...), diagnosticada em perfeição na obra de Gilles Lipovetsky, apenas o outro se evidencia como *via e critério de libertação e de salvação* das amarras de um egotismo esdrúxulo (tudo começa e termina no meu eu, nos meus desejos e obsessões) e de uma reificação alienante da consciência nos objectos (coisas, bens e mercadorias). O outro estabelece-se assim, no horizonte da nova sociedade levantada no século XXI, como única garantia de satisfação sensível e realização racional e social e harmonização espiritual do eu, um outro que – em língua portuguesa – devia ser substituído por «outrem», significando deste modo a abrangência universal de pessoas humanas, seres vivos, sencientes e não sencientes, e complexos orgânicos terrestres. Seja do ponto de vista económico (as necessidades básicas – a *satisfação* pessoal como primeira etapa da felicidade), seja do ponto de vista social (as condições mínimas para a obtenção da *realização* pessoal – a segunda etapa no caminho para a felicidade), seja de um ponto de vista espiritual (a emergência do sentimento de bem-estar e de harmonia racional interior), o outro constitui o alvo frutificador e realizador da acção de cada um,

criando-se assim, espontaneamente, laços de solidariedade e de cooperação verdadeiramente humanos.

15. No futuro, o outro, como ponto ético central, será estabelecido como critério primeiro e último da felicidade pessoal. Neste sentido, resgatam-se igualmente, de um modo pacífico (é o único modo de o fazer sem a contestação radical de Nietzsche, de Freud e de Foucault), sem revoluções violentas, apenas acompanhando as mudanças sociais provocadas pela terceira revolução industrial (tecnologias da informação), os antigos valores éticos (sem carga religiosa, apenas humana) que fizeram da Europa o continente mais importante dos últimos 3000 anos: o valor da solidariedade, do companheirismo, da amizade desinteressada, da cooperação inter-pares, da lealdade e fidelidade, mas também os antigos e sempre actuais valores humanistas cristãos da misericórdia, da caridade e da piedade, hoje mais propriamente designados como assistência, solidariedade e cooperação sociais, os valores comunitários vicinais de fraternidade e interajuda, os valores confucionistas de respeito e veneração pelos ancestrais e pela hierarquia não imposta de mérito e competência, e os valores budistas vinculados à compaixão como comoção própria pelo destino do outro.